

Radiohead toca para as massas

Banda faz 58 shows em quatro continentes para promover o CD 'The king of limbs', lançado em 2011

Lucas Santtana

segundocaderno@oglobo.com.br

Especial para o GLOBO • NEWARK, EUA

Você não precisa ser um profundo estudioso dos Beatles para entender que sua obra alcançou tal excelência graças ao fato de a banda, em vários momentos de sua trajetória, ter optado pela música, e não pelo glamour ou pelo "sucesso".

Trilhando o mesmo caminho está uma das bandas mais influentes da virada do século XXI. Nascido em Oxford em 1986, o Radiohead tem oito álbuns, sendo que três deles ("OK Computer", "Kid A" e "In rainbows") tiveram importância histórica para muito além da música. Sobre isso você pode ler na Wikipedia, pois aqui só terei alguns mil caracteres para falar do show do último álbum, "The king of limbs", lançado em fevereiro de 2011, mas só promovido agora.

Por isso a expectativa no Prudential Center, em Newark, era grande. Assim que as luzes se apagaram, um mantra cantado por um coro foi a deixa para a banda entrar no palco com "Bloom", mais *groovada* e com *riffs* de guitarras ao estilo africano. Um sexto elemento, o baterista do Portishead, Clive Deamer, alternava uma segunda bateria e pads eletrônicos. Sua presença mudou os arranjos de algumas músicas, principalmente as mais dançantes, que ganharam pressão rítmica e suíngue.

Teoricamente, no tradicional esquema 4-4-2, o Radiohead é uma banda de rock: duas guitarras, baixo, bateria e vocal. Mas na prática o esquema se aproxima mais do Barcelona atual.



O CANTOR Thom Yorke lidera o Radiohead na maior turnê da banda desde 2008: estranho e popular

Robert E. Klein/AP

Isso porque em vários momentos do show os guitarristas Ed O'Brien e Jonny Greenwood deixam de lado os tradicionais *riffs* de guitarra, característicos do rock, para criar camadas e mais camadas de sons espaciais, de modo que, olhando para a mão no braço da guitarra, e ouvindo o que sai nas caixas de som, é impossível definir qual daqueles sons vem de seus instrumentos. Não posso deixar de elogiar o técnico de som, cujo nome peço desculpas por não saber. Assim como temos *know-how* de como jogar futebol, os ingleses têm de como fazer sons se propagarem no espaço. E isso não é de hoje, basta ouvir a mixagem de discos dos já citados Beatles ou Portishead para

entender. O P.A. (caixas de som voltadas para a plateia) do Radiohead era algo artesanal. Em determinados momentos não se ouviam mais os instrumentos em separado, mas uma massa compacta, mutante e ao mesmo tempo impenetrável.

Outra coisa que chama a atenção é o cenário. Esqueça a pirotecnia dos megashows. Aqui, há apenas telas de led que se posicionam alternadamente sobre os músicos a cada canção e um painel de luz atrás do palco. Embaixo, centenas de cobogós e, em cima, uma cortina de microluzes. A cada música, combinações de luzes e imagens nas telas se alternam com no máximo duas cores, formando imagens que parecem um

quadro, uma videoinstalação de artes plásticas, ou puro entretenimento visual para acentuar o clima das canções. As imagens da banda são feitas ao vivo, mas filmadas de um jeito que parecem pré-gravadas, criando uma relação singular de espaço-tempo. É conceitual e é para as massas. E não há conflito nisso.

Voltando ao guitarrista Jonny Greenwood, talvez o epicentro da banda, autor da excelente trilha sonora do filme "Sangue negro" ("There will be blood") e fã confesso do compositor contemporâneo Penderecki. Quer ouvir essa composição dele executada pela Orquestra Sinfônica da BBC em duas partes? (www.youtube.com/watch?v=StCnrzLmjU0). Quando ele largava sua

guitarra e se dividia em vários sintetizadores, o som da banda ganhava novas camadas e migrava para outros universos musicais. Ora fazendo nos sentir numa rave, ora numa boate pequena ouvindo um set de música minimal, dubstep ou grime. Essas palavras fazem o som dos caras parecer megaestranho, né? Às vezes é mesmo. Mas é tudo orgânico e conduzido pela voz emocional e emocionante de Thom Yorke (como canta esse rapaz?). Não só por ele, na verdade toda a banda toca com uma entrega religiosa. E a plateia adere ao "culto" rapidamente, são fãs e foram lá sabendo do que queriam comungar.

Apresentação sensorial

Mesmo nos momentos mais clichês de um show para as massas, como na batida acachapante do meio para o fim de "Idioteque", vem adicionada uma nova batida quebrada e sincopada, causando uma sensação estranha para quem queria dançar a batida do disco. Mas novamente todos aderem à bolha de som do Radiohead. O show é tão sensorial que até a luz acesa sobre a plateia, geralmente branca e chapada, quase cegando o público, no show do Radiohead é verde, tipo cromoterapia. Torço muito para que esse show venha ao Brasil, um país que tem acreditado que coisas sofisticadas não podem ser populares, quando historicamente a bossa nova, o tropicalismo e o manguê beat provaram o contrário. Sem nostalgia, a classe C a Deus pertence... ■

LUCAS SANTTANA é cantor e compositor

Funk carioca explora formato acústico, ou quase

Projeto reúne hoje Menor do Chapa, MC Sabrina e GrandMaster Raphael

Leonardo Lichote

llichote@oglobo.com.br

O repertório do show de MC Sabrina e Menor do Chapa na Arena Carioca Jovelina Pérola Negra, na Pavuna, é o do legítimo funk carioca. E o DJ está presente. Mas não há toca-discos. No lugar dele, um cajón (percussão acústica), violão e — ninguém é de ferro — uma MPC (percussão eletrônica):

— Mas não usarei batidas pré-gravadas — explica o DJ GrandMaster Raphael. — Gravei os timbres de percussões como conga e hi-hat e tocarei na hora.

O show, que será realizado às 17h de hoje, é o primeiro do projeto Funk Ponto Acústico, que encerra o Festival Arena da Palavra. Desde sexta-feira, o evento tem explorado diversos usos da palavra, propondo novos caminhos (com encontros entre filósofos e crianças e poesia publicada em faixas normalmente usadas para anunciar bailes).

O Funk Ponto Acústico terá também um raríssimo espaço de conversa com o público, para que os MCs e DJs falem de seu trabalho, de suas músicas, de seu processo criativo. O projeto nasceu quando Marcus Faustini, curador do Arena da Palavra, convidou Mateus Aragão, do Eu Ama Baile Funk, para pensarem juntos algo para o evento.

— Há alguns anos, os artistas do funk começaram a tocar com banda, mas essa formação agora é diferente. A ideia era fazer só no festival, mas pelo ensaio ficou tão bom que vamos levar para outros lugares — diz Aragão. ■

Divulgação/Leo Aversa



MARISA MONTE

no palco do Teatro Guairá, em Curitiba, na abertura de sua nova turnê, anteontem: produção ambiciosa e intenção simples, fazer cantar

Marisa Monte segue sendo... Marisa Monte

Cantora agrada ao público com imbatível conjunto de canções

'Verdade uma ilusão'

Teatro Guairá

Silvio Essinger

segundocaderno@oglobo.com.br

Enviado especial • CURITIBA

SHOW
CRÍTICA

Acabou o mistério: o que você queria saber de verdade sobre Marisa Monte é... que ela continua Marisa Monte. O novo show da cantora, "Verdade uma ilusão", que estreou anteontem no Teatro Guairá, em Curitiba, pode ser um de seus mais ambiciosos em termos de produção: projeções com obras de artistas como Luiz Zerbini, Marcos Chaves e Cao Guimarães compõem um cenário às vezes arrebatador. Mas a intenção é simples: botar o povo para cantar e se emocionar, com um imbatível conjunto de canções de várias épocas — exceto da fase dos sambas. Marisa optou pelo pop radical.

Uma introdução, à capela, com "Blanco", faz as honras pa-

ra "O que você quer saber de verdade", faixa-título do novo disco, nascida da parceria com Arnaldo Antunes e Carlinhos Brown. Ela aponta para o que será o show: bela cama armada pelo quarteto de cordas e acompanhamento sem convulsões do power trio da Nação Zumbi (o guitarrista Lucio Maia, o baixista Dengue e o baterista Pupillo) e dos velhos comparsas Dadi (cordas diversas) e Carlos Trilha (teclados).

Homenagem a Cássia Eller

Nesse embalo, vão mais algumas músicas do novo disco, como "Descalço no parque" (Jorge Ben das antigas), "Depois" e "Amar alguém". O primeiro coelho da cartola foi a antiga "Diariamente", que serviu de ponte para a surpresa da noite: "ECT", parceria com Nando Reis e Carlinhos Brown, que Marisa resgatou como homenagem aos dez anos de morte da voz que celebrou a canção: Cássia Eller.

Um punhado de hits do seu cancionário ("De mais nin-

guém", "Beija eu", "Eu sei"), e Marisa surpreendeu novamente ao encarnar a diva do pop italiano Mina Mazzini em "Sono como tu me vuoi". Foi o gancho para falar de Mina e informar que a italiana tinha resolvido gravar uma música sua, "Ainda bem", que cresceu ao vivo. "Verdade uma ilusão" e "O que se quer" ainda representaram o CD de 2011 no desfile de hits que foi a parte final do show, com "Gentileza", "Tema de amor" e "Não vá embora". O bis, uma necessidade diante do entusiasmo do público, teve uma versão voz e ukulele de "Amor I love you", a tribalista "Velha infância" e o alegre baião do novo disco, "Hoje eu não saio não".

A turnê chega ao Rio no dia 23 de agosto. Até lá, talvez se tenha a resposta para o que muita gente quer saber de verdade: se Marisa há tanto tempo queria o power trio da Nação como banda de apoio, por que ele ficou tão contido na estreia? ■

Cotação: Bom

O GLOBO Projetos de Marketing

Coluna São Paulo Curta



Av. Paulista, principal via da cidade que nunca dorme

Pela madrugada adentro

Com mais de 15 mil bares e muitas danceterias, São Paulo tem vocação boêmia. Foi o berço do after-hours no Brasil, mais exatamente na Hell's Club, que agora está de volta ao Beat Club, na Rua Augusta, onde também se pode dançar até de manhã no Beco 203 ou assistir a apresentações stand up no Comedians Comedy Club, enquanto houver espectadores. Se bater a fome, bem perto, na Rua Haddock Lobo, a padaria Bella Paulista fica aberta 24 horas, com cardápio variado e serviço de entrega ininterrupto. Outra opção é a Galeria dos Pães, nos Jardins, que também não fecha e oferece, no outono e inverno, além de pedidos à la carte, um bufê de sopas.

Em muitos bairros de São Paulo é possível passar a madrugada no circuito de danceterias, padarias, restaurantes. Ou fazer compras. Algumas unidades das redes de livreria Nobel e Siciliano ficam abertas até de madrugada, assim como a doceria Ofner, com unidades

abertas 24 horas na Alameda Campinas, no Itaim, em Pinheiros e Moema. São particularmente famosos pela vida noturna, além da região central e dos Jardins, o bairro da Vila Madalena, de Pinheiros, a Vila Olímpia, o Itaim Bibi, Higienópolis, com estilos diferentes. Em quase todos, a presença das padarias notívagas é garantida. A St. Etienne, que está também nos Jardins e no Alto de Pinheiros, serve sushis e pizzas.

No Itaim, a Josephine é uma danceteria inspirada nas casas noturnas de Amsterdã e Berlim, com cortinas de veludo, lustres de cristal, escadas de ferro. Preferido pelo pessoal da moda, o Café de la Musique foi projetado por estilistas famosos, que assinam diferentes ambientes da casa, com música eletrônica e espaço para apresentações ao vivo. A Praça Vilaboim, em Higienópolis, é cercada de bares e restaurantes e conta com uma banca de jornal 24 horas.

Vida selvagem

A Fundação Parque Zoológico de São Paulo oferece um "Passeio Noturno" para os visitantes observarem os animais de hábitos crepusculares e noturnos.

Além de acompanhar a vida dos hóspedes tradicionais - hipopótamos, tamanduas-bandeira, onças, leões, tigres, lobos -, em geral mais ativos depois que a noite cai, animais da fauna nativa, como gambás, corujas e morcegos, podem ser vistos passeando livremente pelo parque. O passeio começa às 19 horas, com duração de cerca de três horas. A atração é muito procurada e é preciso comprar os ingressos com bastante antecedência.

A partir de 1º de junho, a Fundação começa a vender ingressos para as próximas datas do passeio, realizado quinzenalmente às sextas-feiras, em dias pré-estabelecidos. O agendamento deve ser feito pelo telefone (11) 5073-0811, ramais 2119 ou 2141.

Foto de Carlos Nader



As visitas noturnas são bastante procuradas

Visite www.cidadedesapaulo.com

São Paulo

São Paulo turismo